



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O Rei do futebol

A cada Copa do Mundo, surge uma campanha para destronar Pelé da condição de Rei do Futebol. Mas, agora, a cruzada conta com um aliado improvável: o craque Ronaldo Nazário, o Ronaldo Fenômeno. Nesta semana, ele afirmou que Messi é o melhor jogador da história do futebol. Possivelmente, Ronaldo proferiu a asnice apenas para bajular o craque argentino, que, de fato, é um dos maiores jogadores do mundo.

De qualquer maneira, é uma declaração de ignorância e de vira-latismo flagrantes. Ao se referirem aos craques do passado,

nossos jogadores costumam argumentar: “Não sei, não conheço, não é do meu tempo”. Bem, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Assis Chateaubriand, Shakespeare, Dostoiévski, Flaubert, Proust, Cervantes, Guimarães Rosa não são do meu tempo. Nem por isso, me desobrigo de conhecê-los e, talvez, buscar referência ou inspiração nos escritos dessa constelação.

No entanto, os nossos craques se consideram o epicentro do universo e que não existia nada antes deles. Não é sessão nostálgica; é história. Como dizia Glauber Rocha: “Os jogadores de futebol do Brasil têm uma bola de capotão número 5 na cabeça. Se der um furão, só sai vento”. Ronaldo Fenômeno é aquele mesmo que, na Copa do Catar de 2022, se refestelou com churrasco folheado a ouro em Doha. Neymar levou uma coleção de nove relógios avaliada em 41 milhões para essa Copa. Esses

são os grandes líderes do futebol brasileiro.

Eles vivem dentro de uma bolha de alienação e de ignorância. Basta ver o documentário *Isto é Pelé* para evidenciar a ausência de fundamento e a leviandade da afirmação de Ronaldo Fenômeno sobre Messi. Só é possível encontrar o que Pelé fazia nos estádios de futebol nas partidas fictícias de videogame.

Contudo, quero evocar um acontecimento. Em 1968, eu tinha 14 anos, morava em São Paulo e um dos meus melhores amigos era santista doente e parceiro de peladas na rua do bairro Jabaquara. Sempre ia ao Morumbi e ao Pacaembu para assistir aos jogos do Santos. Voltava extasiado com os malabarismos de Pelé em campo. Meu pai resistia a que eu frequentasse estádios, pois era pastor presbiteriano. Como ir à celebração pagá do futebol, coisa do demônio, em pleno

domingo, dia de culto na igreja?

Todavia, tanto insisti que ele concordou que eu assistisse a um clássico, Santos e Corinthians.

Elá fomos para o Morumbi. O jogo estava tenso, mas o Coringão se segurava. Pelé era o grande ausente. Eu tinha ido ao Morumbi, principalmente, para ver o maior jogador de todos os tempos e me frustrar. O beque corintiano Luiz Carlos, bom marcador, mas um pouco lento, fazia uma partida impecável, se antecipava, ganhava todas e não deixava Pelé ver a cor da bola.

O relógio avançava: 15, 30, 40 minutos, e nada, o camisa 10 do Santos continuava apagado. A partida prosseguia meio arrastada. Mas eis que, na metade do segundo tempo, se não me engano, Toninho cruzou a bola na área corintiana, o beque Ditão tentou se antecipar, Pelé ameaçou que ia, mas voltou e, em um átimo, na velocidade

do instinto, aplicou um chapéu espetacular no beque Ditão e fuzilou para as redes. O Santos abriu o placar.

Pelé fez mais uma tabelinha com Edu, avançou para a área corinthiana e fez outro gol para o Santos. A equipe santista fez o terceiro. O Corinthians ainda desconcou em um gol de cabeça de Paulo Borges, pouco comemorado em falta cobrada por Rivellino.

O camisa 10 do Santos só fez duas jogadas e acabou com o jogo. Tive o privilégio de ver em dois lances de futebol-arte, a serem emoldurados e colocados na parede, com assinatura, que me fizeram entender por que Pelé era o rei do futebol. Não é patriótica; é história. Que me desculpem os hermanos. Messi ou Maradona podem ser príncipes, condes, duques, arquiduques, marqueses, viscondes, mas o rei do futebol é mesmo Pelé.



Religiosos, fiéis e pacientes acompanharam a vitória do Brasil sobre o Haiti em ambientes marcados pela fé e pela solidariedade. Brasileiros encararam o trânsito pesado para chegar em casa a tempo de assistir ao jogo

Emoção que une corações

» CARLOS SILVA
» DARCIANNE DIGO
» LUIZ FELLIPE ALVES

Em clima de devoção, frades e fiéis acompanharam a vitória do Brasil contra o Haiti, ontem, na Basílica Santuário São Francisco de Assis, na Asa Norte. Entre conversas sobre futebol e manifestações de fé, muitos destacam a união proporcionada pelo Mundial. Para os presentes, a Copa representa mais do que uma disputa esportiva: é uma oportunidade de reunir famílias, amigos e membros da comunidade em torno de um interesse comum.

O frade Francisco Bruno, de 31 anos, admitiu que chegou ao confronto com sentimentos mistos após a atuação da Seleção na estreia, mas disse ter recuperado parte do otimismo com as mudanças promovidas pelo técnico. “Fui com muita expectativa no primeiro jogo e depois ela deu uma caída. Mas agora a Seleção começou a me vencer um pouquinho. Algumas falas do Ancelotti e as mudanças que ele podia fazer me deixaram mais confiante”, afirmou o religioso.

A freira Elka Cristina, 49, também demonstrou confiança no desempenho da equipe brasileira. Para ela, torcer pela Seleção vai além do aspecto esportivo e desperta um sentimento coletivo de

esperança. “Torcer pela seleção sempre faz vibrar mais o nosso coração e acreditar que é possível”, disse.

Mais do que acompanhar uma partida de futebol, os religiosos destacaram a importância do encontro promovido pela transmissão. Segundo Elka, a reunião dos fiéis fortalece os laços entre os membros da comunidade. “É um momento para fortalecer a amizade e a fraternidade com os parquianos”, ressaltou.

Para Francisco Bruno, o futebol dialoga diretamente com valores caros à espiritualidade franciscana, especialmente a fraternidade. “O futebol é esse esporte universal. Não precisa de muita estrutura, só precisa de um chinelo e uma bola. Desde pequeno a gente joga, seja na cidade grande ou no interior”, afirmou.

O frade também destacou que a basílica mantém uma forte atuação na chamada Pastoral do Esporte, tendo o futebol como principal atividade de integração. A expectativa é que a participação dos fiéis cresça nos próximos jogos da Copa. “Hoje é dia de semana e conseguimos juntar menos pessoas. Mas, se o Brasil avançar e os jogos caírem em feriados ou fins de semana, a tendência é reunir muito mais gente”, explicou.

Darcianne Digo



Equipe do Hospital Cidade do Sol montou uma programação lúdica

Solidariedade

Já no Hospital Cidade do Sol, entre macas e lençóis brancos, um grupo de pouco mais de 60 pacientes acompanhou a partida por uma pequena TV fixada na parede. A maioria dos internados são idosos, que foram abandonados ou não têm família.

Aos 67 anos, Antônio Canuto caminhava mancando pelos corredores com um sorriso no rosto. Contou que desde a manhã aguardava, ansioso, o início da partida. A transmissão do jogo foi uma iniciativa da

pequena equipe do hospital.

Durante o dia, três médicos e quatro enfermeiros assistenciais prestam os cuidados aos pacientes, no período noturno, são dois médicos e dois enfermeiros. “Estamos trabalhando essa questão social. Já os levamos ao circo, por exemplo, e consideramos essa iniciativa importante para eles”, afirmou o enfermeiro Wagner Dias.

Trânsito

Faltando poucas horas para o jogo, congestionamentos tomaram

Minervino Junior/CB/DA Press



Fiéis e frades se reúnem na Basílica de São Francisco de Assis

as ruas do DF. As vias com maior movimento foram o Eixo Monumental, na altura do Mané Garrincha; o Eixão, na altura da 113 Sul, sentido Guará; a DF-051, no sentido Candangolândia; a EPIA, no sentido Núcleo Bandeirante; e a EPTG, no sentido Vicente Pires e Taguatinga.

A caminho de casa, em Samambaia, para assistir ao jogo, Luis Felipe, 23, comentou o trânsito mais pesado do que o habitual. “Sexta-feira já costuma ter muito carro na rua. Por ter jogo do Brasil, acho que ficou ainda mais congestionado”, disse.

O movimento na Rodoviária do Plano Piloto também foi intenso. À espera do ônibus, a psicopedagoga Clyciane Cardoso, 28, e o professor Simande Fernandes, 35, contaram que escolheram um karaokê para acompanhar a partida, unindo as paixões pelo futebol e pela música.

A expectativa era de que o treinador da Seleção Brasileira, Carlo Ancelotti, reforçasse a equipe com jogadores do banco de reserva, como Endrick e Rayan. “Tenho boas expectativas, mas acho que o treinador deve mudar o time”, disse Clyciane.

PODCAST DO CORREIO

Futebol, identidade e cultura

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Em clima de Copa do Mundo, o *Podcast do Correio* recebeu o professor, filósofo e historiador Afrânio Castro, pesquisador da relação entre futebol, cultura e história do Brasil. Durante a conversa com os jornalistas Sibeles Negromonte e Marcelo Agner, o especialista analisou como o esporte ultrapassou os limites dos campos e passou a ocupar um espaço simbólico na formação da identidade brasileira.

Segundo Afrânio, a compreensão desse fenômeno passa pela forma como diferentes sociedades constroem seus mitos fundadores e narrativas de pertencimento. Para ele, enquanto países como França e Rússia estruturaram parte de suas iden-

tidades nacionais a partir de grandes acontecimentos históricos, como a Revolução Francesa e a Revolução Russa, o Brasil não teve um processo semelhante.

“Quando comecei meus estudos, me chamou a atenção como os primeiros filósofos estavam muito vinculados à ideia de um povo, de um pensamento que conduz uma comunidade. Percebi que o Brasil não tem um mito fundante”, explicou.

O historiador destaca que acontecimentos como a Independência e a Proclamação da República foram conduzidos principalmente por grupos de elite, sem ampla participação popular. Nesse cenário, o futebol teria ocupado um espaço importante na construção de uma ideia de nação. “O futebol

vem preencher uma lacuna justamente no momento em que se está tentando construir a identidade de um país”, afirmou.

Apesar de hoje ser associado à cultura popular, o futebol chegou ao Brasil marcado pela exclusão. De acordo com Afrânio, o esporte foi introduzido por ingleses e empresários ligados às fábricas, permanecendo, inicialmente, restrito às classes mais altas.

O historiador explicou que a mudança ocorreu com o processo de industrialização, especialmente durante a Era Vargas, quando o crescimento das cidades e o deslocamento da população do campo para os centros urbanos aproximaram o futebol dos trabalhadores. “Foi nesse período que surgiram os chamados jogos

Reprodução



“O futebol pode gerar adesão a uma ideia, mas também pode anestesiar”

de várzea, fundamentais para a popularização da modalidade”, disse.

Segundo o especialista, esse movimento permitiu que o futebol incorporasse elementos da cultura brasileira. Ele cita interpretações de autores como Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, que identificaram no jogo características como a ginga, o drible e a criatividade — aspectos

que ajudaram a consolidar a imagem do chamado futebol-arte.

A transformação do futebol em fenômeno nacional também esteve ligada aos meios de comunicação. Para Afrânio Castro, o rádio, junto com o cinema e a televisão, tiveram um papel decisivo ao criar uma experiência coletiva em torno das partidas.

Outro ponto abordado no podcast foi a aproximação entre futebol e manifestações culturais populares, como o carnaval e o samba. Para Afrânio, essa relação está ligada a um movimento mais amplo de valorização da identidade brasileira iniciado no século 20.

Nesse contexto, o carnaval e o samba passaram a ser vistos não mais como manifestações marginalizadas, mas como expressões da cultura brasileira. “O samba passa a contar a beleza do cotidiano, principalmente do cotidiano carioca. Você começa a valorizar uma realidade que antes era deixada de lado”, afirmou.

Para Afrânio, o futebol segue esse mesmo caminho porque, assim como o carnaval, é um fenômeno coletivo. “Ambos têm a capacidade de reunir diferentes grupos sociais e criar momentos de emoção compartilhada”, destacou.

Obituário

Sepultamentos realizados em 19 de junho de 2026

» Campo da Esperança

Aldenora Firma Vieira de Carvalho, 74 anos
Alexandre Gonçalves da Silva, 78 anos
Bernarda Monteiro Moura, 90 anos
Domingas da Luz Batista de Jesus, 81 anos
Ephigênia Machado Reis, 92 anos
Geni Pinheiro da Silva, 99 anos
Humberto da Silva Guedes, 103 anos
Ítalo Peterson Ferreira Campos, 14 anos
Jaime Limp de Azevedo, 82 anos
João Benonino Brozonga, 84 anos
José Leiz de Oliveira, 63 anos

José Maria Rodrigues de Araújo, 93 anos
José Maria Vasconcelos, 91 anos
Maria do Socorro Saraiva de Oliveira, 51 anos
Maria Luiza Danelon Santos, 79 anos
Maria Vieira de Araújo, 88 anos
Marizia Oliveira Bonifácio, 71 anos
Rafael Silva Lima, 31 anos
Robélia Neves da Cunha, 104 anos
Weverton Inácio dos Santos, 44 anos

» Taguatim ga

Aurelina Pereira dos Santos, 92 anos

Délio Marcos Balbino Pitanguí, 74 anos
Galdêncio Santos Diniz, 74 anos
Izabel Moura de Souza, 79 anos
Izabel Rocha Passos, 92 anos
Joana Maria de Jesus Araújo, 73 anos
José Ferreira dos Reis, 81 anos
Luciana Patrícia da Silva Oliveira, 28 anos
Maria do Carmo de Lima Oliveira, 67 anos
Maria do Rosário Araújo de Souza, 82 anos
Maria Luiza da Silva Félix, 70 anos
Michael David Almeida Ribeiro, 32 anos
Moacir Barreira Reis, 72 anos

Neila Maria da Silva Santos, 78 anos
Patrícia da Silva Oliveira, menos de 1 ano
Raimunda Barbosa Cavalcante, 83 anos
Vanusa Araújo do Nascimento, 50 anos
Vidal de Paula Araújo Oliveira, 62 anos

» Gama

Benedito Rocha, 65 anos
Edith Mendes da Silva, 76 anos
Manoel Ferreira Garcia, 74 anos
Pricilla da Costa Oliveira Silva, 42 anos
Vanderlei da Costa Tavares, 66 anos
Vicente Felipe da Silva Neto, 52 anos
Vicença Ferreira da Silva Sales, 90 anos

» Planaltina

Alzenir Viana de Fontes Silva, 59 anos

» Brazlândia

Osman Rufino de Lucena, 81 anos

» Sobradinho

Antônio Alves dos Santos, 60 anos
Antônio José de França, 73 anos
Cláudia Alves Ribeiro, 49 anos

» Jardim Metropolitano

Inês Maciel Lopes, 7 anos (cremação)